

Práticas latino-americanas em meio às ruínas físicas e epistemológicas

*Latin American practices amidst the
physical and epistemological ruins*

André Leal¹

 0000-0002-0021-6616
coxaleal@gmail.com

Resumo

Apresentação do dossiê Ruínas em regeneração, reunindo produções que transitam entre a arte e a arquitetura, sobretudo no que tange à relação dessas práticas com a “arte de viver nas ruínas”. O texto aborda essas produções e as relaciona com as questões teóricas e metodológicas que levaram a sua seleção.

Palavras-chave

Ruínas. Arte contemporânea.
Arquitetura. Regeneração.

Abstract

Presentation of the dossier Ruins in Regeneration, that brings together works that navigate between art and architecture, particularly with regard to the relationship between these practices and the “art of living amongst ruins”. The text examines these works and relates them to the theoretical and methodological issues that led to their selection.

Keywords

*Ruins. Contemporary art.
Architecture. Regeneration.*

¹ Este dossiê faz parte da pesquisa de pós-doutorado do autor desenvolvida com apoio da Faperj por meio da bolsa de Pós-doutorado Nota 10 (PDR-10); processo 205.674/2022 - SEI-260003/019578/2022.

“Aqui tudo parece que é ainda construção, mas já é ruína”. A frase de Caetano Veloso (2009), escrita tomando como referência o livro *Tristes trópicos* do antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, persegue meus interesses de pesquisa há bastante tempo. Enviei essa frase para Anadis Gonzalez, arquiteta cubana do escritório Infraestudio, alguns meses atrás, após pedir mais informações sobre o trabalho *Ruínas en reversa*, que estava indisponível no *site* do escritório. O título do ensaio também me atraiu pelo fato de remeter a uma frase do emblemático Um passeio pelos monumentos de Passaic, Nova Jérsei,² escrito em 1967 pelo artista estadunidense Robert Smithson, que foi meu principal interlocutor na pesquisa de doutorado. Encontrei assim um ponto de contato de La Habana com minha tese de doutorado, levando-me a pensar que a paisagem das Américas de modo geral é marcada por esse estranho estado “entre”: a ruína de um edifício que nunca chegou a ser utilizado segundo sua intenção projetual e que nos leva diretamente ao problema do que fazer com ela. Mesmo as florestas e os desertos do continente podem ser considerados as ruínas das civilizações que ali habitaram durante milênios e foram dizimadas pela invasão colonial europeia.³

Publicar este texto em uma revista acadêmica ligada ao PPGAV/EBA/UFRJ também parte da experiência de trabalhar em meio às “ruínas operantes” que conformam o *campus* do Fundão, ruínas de uma modernidade incompleta tanto como projeto estético quanto projeto de país. Ruínas de edifícios nos quais milhões de reais em dinheiro público foram injetados e desperdiçados após a interrupção das obras e a completa falta de perspectiva de sua retomada. Não reclamo, já que elas são fontes inesgotáveis de material para criar junto a meus alunos de pós-graduação nas derivas que realizamos pela Cidade Universitária – no entanto, sempre terminamos nossas caminhadas com um sentimento melancólico misturado à euforia das descobertas.

Para além das ruínas físicas que nos cercam, vivemos também nas ruínas de um projeto de sociedade em nível global. Um projeto de modernização e progresso impulsionados pelo capitalismo – ou pelo socialismo estatal de viés também modernizador – que nos levariam (trariam) a um futuro de prosperidade para todos. Sim, todos no masculino mesmo, já que sabemos que tal projeto

² Ver: Smithson (1996b) e a versão em português, mais recente (Smithson, 2023).

³ Ver: Altberg (2023); Neves (2022); e Krenak (2019).

sempre foi impulsionado por um pensamento universalista gestado na Europa a partir do Renascimento no qual o homem branco era o modelo e exemplo de racionalidade e civilidade. Podemos dizer que a epítome desse modelo foi o Modulor, apresentado pelo arquiteto franco-suíço Le Corbusier em 1943. Trata-se do modelo de um homem de 1,83m de altura que serviria como padrão para todas as construções e ainda como uma maneira de conciliar os sistemas pé-polegada inglês e estadunidense com o métrico continental.⁴ Esse homem, cujo tamanho tem origem também nas medidas dos policiais ingleses, pode ser considerado a ponta de lança de uma arquitetura que se quis universal – e deu lindos frutos nos trópicos, como não podemos deixar de reconhecer –, mas que fracassa ao primeiro contato com a realidade plural e fervilhante que a vida sempre impulsiona.

Em vez de bem-estar e conforto para todos, o que vemos é um presente (ou futuro daquele passado) atravessado por desigualdades extremas e colapsos ambientais que sempre recaem sobre os mais vulneráveis. Ou seja, o mesmo sistema que promete ganhos universais, lança milhares na pobreza e na precariedade das favelas e cortiços que não são privilégios das Américas, mas que se fazem mais presentes aqui neste território ocupado e exaurido pelas potências coloniais. É por isso que falar desde o Sul Global sobre essas ruínas que nos atravessam é pensar em como as habitar e utilizar de maneiras opostas aos desígnios iniciais para os quais foram propostas, algo muito diferente das ruínas que tanto inspiraram os românticos europeus no século 19.

Quando elaborei o tema desta edição e do presente dossiê tinha duas produções em mente: a de Lara Almarcegui, artista entrevistada da A&E 51, e a dupla de arquitetos cubanos Anadis Gonzalez e Fernando Martirena, do Infraestudio. Daí também a ideia de uma colaboração entre arte e arquitetura na regeneração das ruínas, posto que Lara trabalha diretamente com a arquitetura, e a prática do Infraestudio muitas vezes se dá no campo das artes visuais. Ou, nas palavras de Fernando, quando um projeto não se materializa ele pode ser convertido em uma obra de arte.

⁴ A respeito do tema, ver: Le Corbusier (1953); Artigas (1999); e Sadler (1998).

Apesar de intuir, não poderia imaginar as confluências que as duas conversas teriam. Na verdade, diria que um espelhismo de práticas que acabam por tocar em diversos pontos em comum. Espelhismo quase literal, já que Lara é uma artista que trabalha com a crítica à produção arquitetônica e ao urbanismo, enquanto Anadis e Fernando são arquitetos que frequentemente desenvolvem trabalhos artísticos. Desse modo, diversos temas em comum emergiram nas duas conversas, tais como a própria prática arquitetônica e artística, o papel das pessoas autoras nessas atuações – o “gênio” cujo traço se converte imediatamente em um edifício – e como lidar com as ruínas arquitetônicas, urbanas e ambientais de modo geral. Em um contexto de precariedades intensas como o de Cuba, provocado pelo bloqueio imposto pelos EUA ao país há mais de 60 anos e cada vez mais restritivo, e onde a prática arquitetônica independente sequer era permitida até pouco tempo atrás, a arte serve como ponto de partida e de chegada para concretizar sonhos que muitas vezes parecem impossíveis – algo que no fundo atravessa todas as práticas arquitetônicas.

Uma questão “espelhada” que gostaria de destacar é a ideia de uma mínima intervenção diante das ruínas, que Renata Marquez trouxe nas palavras de Lina Bo Bardi – *“um mundo com a capacidade de dizer não, ou não mais”* – em pergunta para Lara e que Anadis respondeu (sem saber da pergunta feita na outra entrevista) com a máxima do arquiteto italiano Pier Vittorio Aureli de que “menos é suficiente”. Desde La Habana escutamos então as dificuldades da atuação dessa dupla de jovens arquitetos, mas também toda a potencialidade e criatividade de enfrentar as ruínas e saber valorizar o que elas já trazem em si. Do mesmo modo, vemos emergir uma prática conceitual na arquitetura que é difícil de encontrar em outras produções, sobretudo nos tempos pragmáticos e calamitosos deste começo de século 21. Prática conceitual e ao mesmo tempo profundamente arraigada na materialidade do solo no qual se assenta.

As outras contribuições para o dossiê também refletem possíveis inter-relações entre arte e arquitetura ao conviver com as ruínas de um país marcado por violentos processos comandados pela colonização de ocupação. O Atlas do Chão, colaboração entre Ana Luiza Nobre e David Spierling, professores e pesquisadores de arquitetura da PUC-Rio e da USP de São Carlos, respectivamente, é exemplo de um olhar atento para esse solo que é um arquivo dessas violências passadas manifestando-se no presente – ler o solo como um arquivo

é outra ideia cara a Smithson (1996a), importante afirmar. Assim, essa atenção os leva a compor uma contracartografia constelar por meio de imagens e de idas a campo para explorar os locais marcados tanto pela violência colonial quanto por outros desmandos do capitalismo extrativista, como as ações da indústria petroquímica no interior da Alemanha, que apresentam no presente dossiê. Trata-se também de um apelo a uma ética de vida afim às urgências impostas pela atrocidade nomeada Antropoceno.

O chão como arquivo do mundo nos leva a reparar para regenerar – de maneira tanto literal quanto metafórica. Reparar nessas violências incrustadas nos estratos da terra para então regenerar as relações por elas cindidas, tanto entre humanos quanto com as vidas outras que humanas, em uma atenção à miríade de relações multiespécies que florescem ao nosso redor. Se outra das dicotomias fundadoras da modernidade é entre “selvagens” e “civilizados”, a ideia de um “chão feral” da constelação apresentada por eles no dossiê emerge como contraponto a esse discurso. Trata-se de um incentivo à prática da feralidade nas ruínas do sistema hegemônico que impõe suas formas e modos de vida anulando todas as diferenças que enriquecem o mundo. Ao trazer a colaboração com o Atlas Feral, grupo do Norte Global com atuação bastante próxima à deles, eles reforçam a importância de outra prática que deve ser cultivada se quisermos sobreviver ao presente de devastações: a colaboração interdisciplinar e internacional e intercultural, como preconizado e exercitado por diversas pessoas que buscam ativamente imaginar e produzir modos alternativos de habitar o planeta. Como afirma Donna Haraway (2023), “devir-com, e não simplesmente devir, é a regra do jogo. Nos termos de Vincianne Despret, trata-se do modo como os parceiros se tornam mutuamente capazes. Parceiros ontologicamente heterogêneos tornam-se quem são e o que são através de mundificações relacionais semitótico-materiais”. É nesse sentido também que entendo a interseção entre arte e arquitetura: práticas que se misturam, se transformam e se enriquecem mutuamente, e terminam indiferenciadas nesses tempos calamitosos.

A CasaDuna, por sua vez, criada na praia de Atafona por Julia Naidin e Fernando Codeço, parte de uma atuação mais ligada às artes cênicas para dar corpo e voz a uma tragédia que está em curso no norte fluminense. Nas últimas décadas a praia de Atafona vem sendo lenta, mas ferozmente devorada pelo mar, levando consigo casas, vidas e espaços de sociabilidade daquela comunidade. A

vila está na foz do rio Paraíba do Sul, um dos mais importantes da região Sudeste e repleto de intervenções humanas – contam-se 943 represas ao longo de seu curso, incluindo a captação de água para consumo das duas maiores cidades do país, São Paulo e Rio de Janeiro. Só para abastecer a região metropolitana do Rio de Janeiro 40% de seu fluxo é desviado, impactando na quantidade de sedimentos que chegam na foz e assim impedindo que a areia levada pelo mar em Atafona seja reposta. Do mesmo modo, o aumento do nível dos mares provocado pelo aquecimento global, produto da emissão de gases de efeito estufa pela maquinaria extrativista, faz com que o mar atue de maneira cada vez mais violenta na zona. CasaDuna e suas ações, seja por meio do *Museu Ambulante*, seja por meio da performance *Do rio ao mar – Rio Paraíba vivo!*, não só traduzem esteticamente essa terrível situação, mas atuam também tecendo os laços comunitários.

O *Museu Ambulante* reúne e dá visibilidade às memórias e desejos daquela população, preservando o pouco de material que lhes sobrou após suas casas serem levadas pelo mar e fazendo com que circulem tanto pela vila quanto por outros lugares que não alcançariam não fosse pela atuação dos artistas. Já a performance ativa a memória simbólica do trajeto original do rio Paraíba em direção ao mar por meio de redes de pesca descartadas – as chamadas redes fantasmas. A colaboração entre artistas, moradores da localidade e assentados do MST também chama a atenção para as práticas interdisciplinares e interculturais mencionadas. O uso das redes fantasmas, por sua vez, nos leva novamente às paisagens devastadas pela indústria petroquímica tanto na produção quanto no descarte de seus produtos. A dicotomia que o grupo propõe para o dossiê – habitar as ruínas e deslocar os escombros – é uma maneira ativa de lidar com o rastro de devastação deixado pela atuação do capitalismo extrativista.

Estamos também diante de atuações no “pericapitalismo”, conceito da antropóloga estadunidense Anna Tsing (2022) que Julia e Fernando nos lembram em seu ensaio. Cumpre notar ainda as práticas sociais que giram ao redor do Erosão Bar, um estabelecimento efêmero que ocupa diferentes casas arruinadas ao longo do tempo, movimento que podemos considerar quase uma performance que colabora para sustentar aquele corpo social esgarçado pela iminência do colapso climático. Se para muitas pessoas, assim como no discurso hegemônico, a emergência climática é apenas algo no horizonte futuro, em Atafona ela já está em curso há mais de 50 anos.

Se as perguntas levantadas nas entrevistas com Lara e Anadis e Fernando colocam o papel dos arquitetos em xeque, muitas vezes chegando a um impasse, como no caso da entrevista de capa desta edição, encerramos o dossiê com uma contribuição mais prática do campo da arquitetura, por meio da atuação de um jovem grupo de pesquisa da FAU UFRJ, o Laboratório Reuso. Se Lara critica a ideia de “circularidade” como vem sendo consolidada em normas construtivas holandesas, devido ao fato de que impulsiona construções quase efêmeras e descartáveis, desde a ilha do Fundão e do edifício Jorge Machado Moreira, marco da arquitetura modernista brasileira que abriga a FAU e a EBA, as coisas se tornam mais complexas e incertas. Trata-se de um edifício que passou por ocupações desordenadas ao longo de seus mais de 50 anos de existência, chegando a abrigar até mesmo a reitoria da UFRJ, e dois incêndios apenas neste século, em meio às ruínas mais amplas da Cidade Universitária, marcada pelas obras inacabadas que mencionamos no início.

Ao se deparar com a volta das aulas após a pandemia em um edifício em estado semiarruinado, o grupo buscou revirar seus depósitos em busca de materiais reaproveitáveis, passando a sistematizá-los em busca do que podemos chamar de uma metodologia do reuso. Se em tempos de emergência climática devemos parar a construção e a extração, como diz Almarcegui em sua entrevista, a atuação do Laboratório Reuso busca examinar como isso poderia se dar na prática e em meio a um edifício público em situação precária, mas que mesmo assim segue participando do desperdício que marca o capitalismo avançado. Como conclusão da disciplina que ministraram no curso de arquitetura, produziram não apenas um amplo catálogo sistematizando o material encontrado nos depósitos da FAU, mas também uma exposição no mezanino do próprio edifício, uma produção estética que busca ser prática ao contribuir para a solução de problemas urgentes dos dias de hoje. E, como em toda produção estética, há algo de utópico na busca por uma saída prática e replicável em meio a uma profissão cuja prática é das que mais emitem gases de efeito estufa na atmosfera. Se Lara dá a ver a materialidade da qual as construções são feitas, o Laboratório Reuso leva tal materialidade não apenas a um nível prático, mas também expõe os depósitos que se escondem por trás das portas fechadas da universidade. E do mesmo modo que o Infraestudio faz de seus projetos gestos poéticos que podem se materializar de diferentes maneiras – a construção incluída – aqui vemos a ideia da “ruína do projeto”, projetos que, assim como os dos cubanos, já nascem arruinados ou anteveem sua própria ruína e aprendem a conviver e lidar com ela.

Esses quatro projetos aqui reunidos, de milhares possíveis, indicam diferentes maneiras de nos relacionar com as ruínas que marcam, mais que a paisagem, o espírito do tempo em que vivemos. Espírito esse que, em vez de nos levar ao derrotismo e ao imobilismo, nos impulsiona a pensar maneiras alternativas de habitar o mundo e de compor com os outros agentes que conosco compartilham o solo. Ao apresentar contribuições de diferentes campos disciplinares buscamos também evidenciar como essa prática atravessa diferentes disciplinas e as reúne em práticas colaborativas que atravessam as fronteiras dos estanques enquadramentos das disciplinas modernas. Trata-se ainda de um grito desde o Sul Global, mais especificamente desde a América Latina, território devastado pelo extrativismo imposto pela colonização, mas também repleto de saberes e soluções que podem nos ajudar a sair da crise lançada sobre nós pelas práticas hegemônicas.

André Leal é arquiteto e urbanista pela FAU-USP e mestre e doutor em linguagens visuais pelo PPGAV/EBA/UFRJ, onde desenvolve pesquisa de pós-doutorado com bolsa Faperj Nota 10. É editor da revista Arte & Ensaios desde dezembro de 2023.

Referências

- Altberg, Ana et al. A ruína é, de alguma maneira, nossa fonte epistemológica: entrevista com Paulo Tavares. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 45, p. 14-47, jan.-jun. 2023.
- Artigas, Vilanova. Le Corbusier e o imperialismo. In: *Caminhos da arquitetura*. São Paulo: Cosac Naify, 1999, p. 17-24.
- Haraway, Donna. *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno*. São Paulo: n-1, 2023.
- Krenak, Ailton. Ailton Krenak. Entrevista. In: Altberg, Ana; Meneguetti, Mariana; Koslowski, Gabriel (orgs.). *8 reações para o depois*. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2019, p. 21-49.
- Le Corbusier. *El Modulor*. Buenos Aires: Poseidon, 1953.
- Neves, Eduardo Góes. *Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central*. São Paulo: Ubu Editora/Edusp, 2022.
- Sadler, Simon. *The situationist city*. Cambridge: MIT Press, 1998.
- Smithson, Robert. Os monumentos de Passaic. In: Ewbank, Antônio (org.). *Robert Smithson: Artforum*, 1966-73. São Paulo: Editora Ébria, 2023, p. 18-21.

Smithson, Robert. A sedimentation of the mind: earth projects. In: Flam, Jack. (org.). Robert Smithson – the collected writings. Los Angeles: University of California Press, 1996a, p. 100-113.

Smithson, Robert. A tour of the monuments of Passaic, New Jersey. In: Flam, Jack. (org.). Robert Smithson – the collected writings. Los Angeles: University of California Press, 1996b, p. 68-74.

Tsing, Anna Lowenhaupt. *O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. São Paulo: N-1 Edições, 2022.

Veloso, Caetano. A visão do Brasil que está em ‘Tristes trópicos’ esquentou meu coração. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 4 nov. 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0411200921.htm>; acesso em jun. 2026.

Como citar:

LEAL, André. Práticas latino-americanas em meio às ruínas físicas e epistemológicas. Dossiê Ruínas em degeneração. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 32, n. 51, p. 322-330, jan.-jun. 2026. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.60001/ae.n51.16>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>